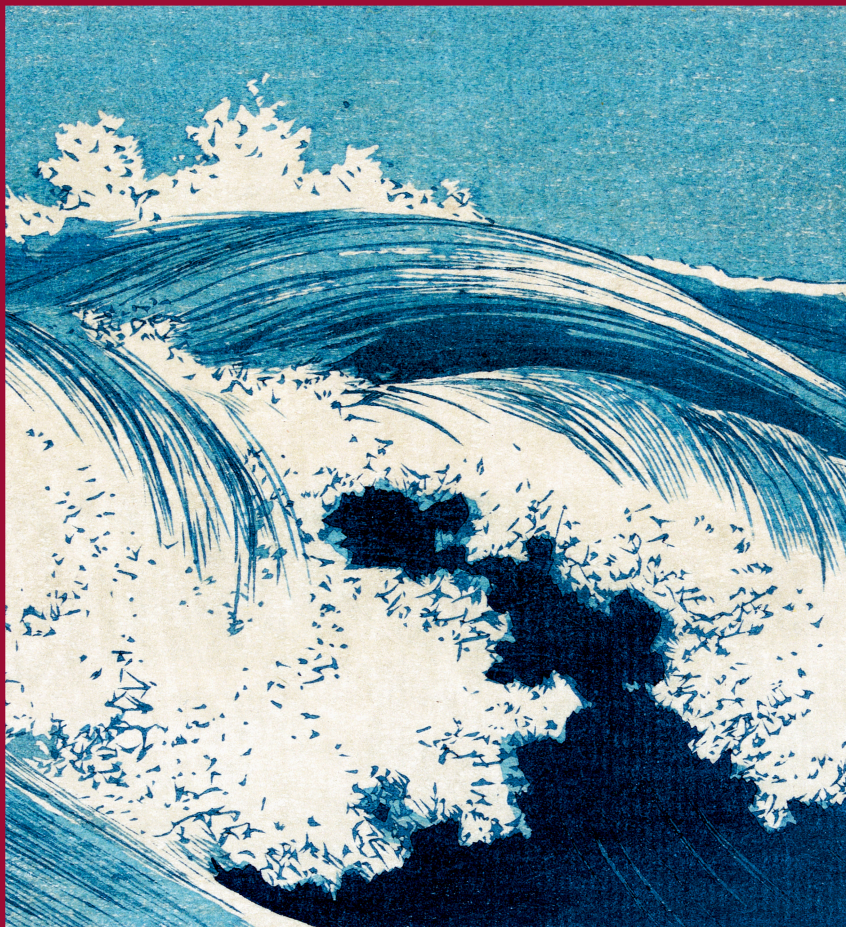


# O amor pelos começos

Um elogio à  
delicadeza  
dos inícios

"Encantador, brilhante,  
dotado de talento literário"

**Elizabeth Roudinesco**



PAIDÓS

**Jean-Bertrand Pontalis**

# O amor pelos começos

Um elogio à  
delicadeza  
dos inícios

PAIDÓS

*Tradução*  
Ana Maria Fiorini

PAIDÓS

**Jean-Bertrand Pontalis**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Éditions Gallimard, Paris, 1986  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026  
Copyright da tradução © Ana Maria Fiorini, 2025  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *L'amour des commencements*

*Preparação:* Caroline Silva  
*Revisão:* Ana Laura Valerio e Valquíria Matioli  
*Projeto gráfico e diagramação:* Renata Zucchini  
*Capa:* Renata Spolidoro  
*Imagem de capa:* Rawpixel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pontalis, Jean-Bertrand  
O amor pelos começos / Jean-Bertrand Pontalis ; tradução de Ana Maria Fiorini. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
192 p.

ISBN 978-85-422-4026-9  
Título original: *L'amour des commencements*

1. Autores franceses – Biografia 2. Psicanalistas – Biografia 3. Pontalis, Jean-Bertrand – I. Título II. Fiorini, Ana Maria

25-5579

CDD 928.41

Índices para catálogo sistemático:  
1. Autores franceses – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista  
São Paulo – SP – CEP 01310-913  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)



|                                        |     |
|----------------------------------------|-----|
| 1. O amor pelo liceu .....             | 8   |
| 2. Anjos e demônios .....              | 30  |
| 3. A palavra tomada .....              | 42  |
| 4. De Londres a Veneza .....           | 58  |
| 5. Morte do verão .....                | 66  |
| 6. Os vazios .....                     | 86  |
| 7. O apagamento .....                  | 98  |
| 8. O cheiro dos quartos fechados ..... | 106 |
| 9. O grande Outro .....                | 124 |
| 10. A queda dos corpos .....           | 136 |
| 11. Margens .....                      | 138 |
| 12. Quando foi isso mesmo? .....       | 154 |
| 13. As vozes não familiares .....      | 162 |
| 14. Sem outro poder .....              | 174 |
| 15. Do outro lado da linha .....       | 184 |

Devo começar pelo curso H. É que vejo nele o local de origem dos meus tormentos, ou ao menos daquele que será aqui meu objeto: o amor e o ódio pela linguagem. Não sei se o que prevalece é o amor ou o ódio, e escrevo este livro apenas para compreender e revelar, pelos caminhos que desejarem se abrir, o que há nessa paixão que às vezes imagino comandar em mim todo sofrimento aparentemente sem ligação com ela: a inquietude amorosa, por exemplo, a tristeza, a angústia do espírito ou sua súbita animação; em suma, tudo aquilo que se anuncia como uma mudança de estado. É possível que um único tormento, sempre o mesmo, deslocado, não reconhecido, esteja no centro de todos os nossos tormentos, que tudo aquilo que sobre nós tem algum efeito tenha uma única causa.

Devo iniciar, então, pelo curso H. Antes, eu tinha paz. Lá, era uma tortura. Eu passava, na minha família, por quase mudo e, no entanto, devia ter à minha disposição as poucas palavras de que precisava para obter o necessário: beber quando tinha sede, comer quando tinha fome. Mas de abrir a boca para falar, eu não via necessidade. O meu estado era o do *infans*. Não caí no silêncio, queda que é, com frequência, o único recurso do adolescente; não, eu o guardava: diziam que eu era mudo e eu desejava permanecer assim, como se suspeitasse que, uma vez iniciado na linguagem, eu jamais poderia sair dela. Eu sabia, com uma certeza tênue, mas obstinada, que dessa prisão, desses grilhões, não havia meio de me livrar. Podia ao menos ganhar tempo, retardar o mais possível o acionamento da engrenagem. Aos quatro anos, eu imaginava as profissões nas quais não seria indispensável saber ler ou escrever, nas quais algumas palavras simples – “Olá”, “Passe a chave de fenda” – bastariam para manter a cordialidade e cumprir a tarefa. Por exclusão, minha predileção era por profissões que hoje atribuímos aos trabalhadores imigrantes: eu seria gari, pedreiro, lavador de automóveis. Pegando todos os dias, para ir ao trabalho, a mesma linha de metrô ou ônibus, não haveria nem mesmo a necessidade de decifrar o nome da estação.

Este foi para mim o primeiro sortilégio da linguagem: nela eu não poderia ser efetivamente nada mais que um imigrante, um deslocado, mas sem que esse exílio forçado me fizesse sentir nostalgia por uma terra natal. O uso da linguagem me faria perder até mesmo o poder de imaginar o que teria perdido!

E hoje em dia, no entanto, toda a minha atividade profissional, que procurei diversificar, diz respeito apenas à linguagem: exerço a psicanálise, edito livros e uma revista, leio manuscritos, escrevo de tempos em tempos, às vezes traduzo.

Mais do que a maioria, eis-me aqui um homem ocupado, em diferentes áreas, por um mesmo objeto: as palavras.

Entretanto, aos cinco anos, fui matriculado no curso H. Esse estabelecimento devia sua reputação a um dispositivo muito particular, que comportava múltiplos elementos. Ignoro se, na mente de seus criadores – talvez fosse melhor dizer: de seus engenheiros –, os diversos elementos do dispositivo foram combinados propositalmente. Para mim, eles o foram e assim permaneceram.

1. Éramos convocados apenas uma vez por semana, de manhã, para uma aula de duas horas.
2. Ao fim dessa aula, nos era entregue um curto documento mimeografado,<sup>1</sup> chamado de “folha”, que prescrevia, com uma precisão impecável, os deveres, exercícios, lições e leituras que deveríamos fazer em casa durante o intervalo, guiados, vigiados, instruídos por nossas tutoras particulares ou, para os menos afortunados entre nós, por nossas mães.
3. Mães e tutoras assistiam à aula, separadas dos alunos por uma tênue divisória. Elas não estavam autorizadas a intervir, mas às vezes se manifestavam ruidosamente com suspiros, exclamações, queixosas ou indignadas, perante nossas fraquezas, nossas distrações: “Ainda ontem ele o recitou para mim sem nenhum erro!”. Torcedoras que por nada no mundo teriam perdido uma única de nossas partidas, elas se confrontavam entre si, atribuindo a si mesmas nossos êxitos, lamentando-se du-

---

<sup>1</sup> O mimeógrafo é uma máquina de reprodução que foi muito usada até os anos 1980, que fazia cópia de textos usando estêncil e tinta alcoólica; produzia folhas com cheiro característico e leve borrão, comum em escolas e escritórios antes das fotocopiadoras. (N.E.)

rante todo o caminho de volta quando não havíamos nos mostrado à altura. As crianças no curso H, as crianças mal-humoradas, vaidosas, reclamonas ou felizes por um nada, eram elas.

4. Uma mesma professora – para nós, a srta. Haussoye – nos guiava durante todo o primário.
5. Durante as aulas, nada nos era ensinado (é por isso que hesito em chamá-las de aulas). O que aprendíamos, aprendíamos em casa, sob a condição de seguir à risca as prescrições da “folha”. A sessão semanal era, na verdade, um exame e até mesmo um tipo de competição. De fato, éramos classificados na saída de cada sessão em uma ordem que pouco variava ao longo do ano e mesmo de ano a ano. Nós nos separávamos após o anúncio dos resultados para só nos reencontrarmos na semana seguinte. Amigos nós fazíamos em outros lugares. Lá tínhamos apenas concorrentes.
6. As operações durante a aula-exame-competição-sessão eram realizadas a toda velocidade. Os retardatários estavam perdidos. Enquanto, sob a vigilância da srta. Haussoye, procedíamos à análise gramatical de nosso ditado – no ano seguinte, seria a análise lógica, já o sabíamos –, sua assistente, uma jovem de saúde frágil (ao passo que a srta. Haussoye era uma mulher forte), corrigia a prova de cálculo que tínhamos acabado de concluir. Enquanto um de nós recitava sua fábula, “com entonação”, um outro, perturbado, mas não por mais que três segundos, devia nomear aquele longo filete sinuoso azul contra o fundo verde, lá, bem no centro do mapa mudo, com um bastão que tinha duas vezes o seu tamanho: é o Creuse, senhorita. O aluno Cothenot dissera o nome: estavam os dois, o afluente e Cothenot, em um átimo, salvos do aniquilamento. Regra de ouro

do curso H: a rapidez ao falar, ao responder, ao encontrar a réplica. Pego de surpresa, pego no erro, era tudo a mesma coisa. Mistério de nossa burguesia de então: um empregado doméstico que respondesse era demitido na hora, um aluno do curso H que não respondesse não passava de um imbecil, um incapaz. Mudos diante do mapa mudo, seríamos condenados ao estado definitivo dos mudos, dos não inteligentes (onde?). Prontos, jamais desconcertados, manejando as palavras certas como se as houvésssemos recebido praticamente de herança, seríamos diplomatas, advogados, administradores de empresa. E um de nós, que nos representaria a todos, entraria para a Academia. Às minhas custas – mas eu resistiria com todas as minhas forças mudas –, eu terminaria por me render às evidências. Adeus, colher de pedreiro, chave de fenda, pele de camurça. Como escapar ao seu destino? Responder corretamente seria nossa ferramenta de trabalho.

7. Eu ia me esquecendo: nossas torcedoras, como eu disse, ficavam atrás da pequena divisória, mas e nós? Nós, filhos (nenhuma filha) de banqueiros, de altos funcionários públicos, de industriais, de grandes médicos, ficávamos sentados ao redor de uma longa mesa oval coberta por um feltro verde, como aquele de um conselho de administração ou do comitê de leitura do qual hoje faço parte (uma vez por semana e, acredito eu, no mesmo dia). Esta devia ser a garantia do curso H e aquilo que perpetuava o seu sucesso: depois de adultos, e nós já o éramos, não teríamos que mudar de lugar.
8. Como tudo isso não era suficiente para fazer da competição nosso imperativo absoluto, tínhamos direito ainda a um exame anual e a redações trimestrais. Mas o exame não suscitava em nós nenhuma apreensão. O exa-

minador era tão gentil quanto seus bigodes grisalhos. E, sobretudo, não sendo de casa, conhecendo menos bem que a maioria de nós as regras inclementes do jogo, o julgamento, em geral elogioso, que ele dispensava ao nosso desempenho nos deixava impassíveis. Já as redações eram para cada um de nós uma oportunidade para ser o melhor. De fato, escrevíamos sobre os mesmos assuntos que os alunos de um estabelecimento público vizinho, o Pequeno Liceu Condorcet. Quando o melhor aluno do Pequeno Liceu recebia 16/10, o melhor aluno do nosso curso recebia 20/20. E esta foi uma das melhores descobertas do curso H: eram igualmente designados “melhores” todos aqueles que tiravam entre 20 e 16. É claro que esse processo perturbava um pouco a ideia brutal que eu tinha do cálculo, e aquela, mais severa ainda, que eu tinha de uma hierarquia estrita. Era concebível para mim que se fosse o melhor com 20, mas como sê-lo também com 16? Mas que dívida para os “atrasados” como eu e que consolo para as mães! Se algum dia o infortúnio dos tempos as obrigasse a nos matricular no Pequeno Liceu, bem, estaríamos no topo da turma. Ah! Como chamar-nos de elite era justificado!

No entanto, essa notação dupla me deixava perplexo, revelando a mim algo como uma falha na organização do curso H. As notas, assim, eram relativas, mas então a “folha” também o era, e arbitrárias a pequena divisória e nossos lugares ao redor da mesa verde, e a classificação que a cada semana anunciava a voz gélida da srta. Haussoye: “O melhor é Jean-Pierre Sautier...”.

No curso H, tudo acontecia como em um sistema lógico. Quando um de seus elementos vacilava, todo o conjunto logo perdia sua força de convicção.

No meu primeiro dia de aula, manifestei minha absoluta incompreensão, em uma rejeição, que em parte perdura ainda, do sistema H. É assim a anedota. À injunção: “E agora peguem seu papel mata-borrão”,<sup>2</sup> logo obedeci, apoiando-me com todas as minhas forças sobre as primeiras letras que acabara de traçar. Era o gesto correto a executar. Mas, estranhamente, em vez de ser reabsorvida, a tinta fresca se espalhou por toda a cópia concluída: as folhas de mata-borrão estavam dentro de um caderno de capa dura, e eu tinha usado o papel-cartão como mata-borrão. Esse engano, que foi seguido de muitos outros, longe de me mortificar, me causou alegria. Eu frequentaria o curso H, já que era preciso; eu não seria um aluno do curso H. Assim se desenhava, através das minhas manchas de tinta disformes, um misto de docilidade e de distância em relação às instituições nas quais eu me reconhecia.

Quando, cerca de vinte anos mais tarde, li a famosa proposição de Saussure convidando a considerar todas as organizações sociais como um sistema de signos, lembrei-me imediatamente do curso H. Lá, eu havia sido, sem saber, um herói da semiologia, mas um herói desafortunado, um rebelde impotente. A semiologia certamente triunfaria, por definição ela teria a última palavra, ela se apoderaria de início, sem enfrentar resistência, de sua presa predestinada, se é que não acordante: a Literatura. Depois ela ganharia sucessivamente todas as artes: a pintura, a dança, a arquitetura, o cinema. Por fim, os menores gestos do nosso cotidiano seriam conquistados pelo imperialismo do sentido: nossas maneiras de nos sentarmos, de nos vestirmos, de fazermos

---

<sup>2</sup> O mata-borrão é um papel absorvente utilizado para secar o excesso de tinta de canetas e evitar manchas na escrita, muito comum em cadernos e estojos escolares antes da popularização das canetas esferográficas. (N.E.)

nossas refeições, de nos cumprimentarmos. Mas e a Natureza? Não nos restaria nela algo que escaparia do domínio de qualquer linguagem? Mais uma vez nos enganamos, essa era uma crença ingênua: o que seria isso que chamamos de Natureza sem a imposição de nomes? Não há um único lugar nesta terra, e já nem mesmo no céu, que não seja um lugar nomeado. O sistema H, precursor, me fizera pressentir tudo isso: a partir do momento em que existia um mapa, ele deixava de ser mudo.

Quando ando de carro, especialmente à noite, só vejo sinais, só obedeço a sinais, só emito sinais. “Sinal”, “signo”, de que me importa neste momento a diferença erudita? Eu poderia então me sentir perseguido, vítima forçada dos semáforos vermelhos, dos piscantes, dos faróis, dos painéis luminosos que determinam a minha velocidade, meu trajeto e me anunciam que logo não terei, que já não tenho, outra existência válida que não a de um signo. Mas também ocorre de eu me sentir num sutil acordo com esse universo em estado reduzido, de encontrar nele uma pura qualidade estética, sem um espessamento da carne, sem nada de excessivo. Se existisse aí um erotismo da aparência! Eis-me aqui seduzido: somos belas máquinas autorregulantes, somos funcionais e vigilantes. Dissolvidos os humores, amainadas as perturbações e inquietações de origem desconhecida. Que delicioso repouso! Mas essa conversão não é feita para durar, ela me cansa, desejo gestos inúteis e sobretudo desajeitados, aspiro ao tempo morto, às trocas fúteis, aos jogos sem regras. É no indeterminado que me encontro. O estranho hoje é que a reivindicação de uma subjetividade seja confundida com a fusão no anonimato. Para que as fronteiras do grande Império dos signos fiquem para trás, não temos outro recurso senão nos tornarmos, pura e simplesmente, um homem das multidões, nos querermos, sem reserva, partícula de uma

massa estádios de futebol, longas filas de espera, metrô lotado, praias populares, corpos de encontro. No geral, prefiro ser um seixo que um vetor de signos. No curso H, onde se combinavam todos os tipos de códigos cuja chave, se eu a tivesse, eu teria sido sua presa, me fiz seixo.

As coisas mudaram completamente quando entrei no Liceu Pasteur. Aquilo que antes me oprimia e me fazia buscar refúgio em um tipo de fraqueza foi, para mim, um prazer desde o instante em que fui admitido nesse grande estabelecimento de tijolos rosados, onde eu passaria sete anos de felicidade. De todos os lemas de 1968, o que me soou mais estranho foi este aqui: “Liceu Caserna”. De minha parte, descobri lá uma forma de liberdade. Isso se deveu, acredito, a uma série de coisas. Em primeiro lugar, lá eu vivia fora do seio familiar, no qual, como em toda família, reinava uma secreta lei do silêncio. Não que fôssemos particularmente reservados – tínhamos até mesmo nossos tagarelas –, mas tudo aquilo que se transmite de forte entre os seus, tudo aquilo que os une, que os prende uns aos outros, o ódio ou o amor, o ressentimento, o mal-estar, não pode ser dito. Isso uma criança percebe mais claramente que um adulto. E, mesmo que a família conseguisse confessar a si mesma toda essa paixão, o efeito, como vemos mais tarde nos casais ávidos por transparência, seria nulo. Só o não dito consolida a vida das famílias, uma vida que não se move. No liceu, ao contrário, tudo era dito, manifesto, sem ocultações e, ao menos para mim, de uma mobilidade extrema. Dentro de certos limites, claramente inscritos, que a organização do dia, a arquitetura interna do estabelecimento, nos confirmava a todo instante: recreios claramente separados, dos pequenos, dos médios, dos grandes; grade curricular fixada para todo o ano; caderno de textos; sala de aula própria, com fila de espera no corredor adjacente; seções (na época pouco numerosas: A, B; depois, a

partir da sétima série,\* A, A', B; e por fim filosofia e matemática básica); gradação das recompensas de fim de trimestre (quadro de honra, encorajamentos, parabenizações); professores e bedéis que lá faziam toda a sua carreira; distribuição evidente de matérias que atribuía aos nossos professores uma tarefa bem circunscrita e, para cada um de nós, uma sucessão gradativa de obstáculos a transpor. Redação, narração, dissertação. *O avaro* no terceiro ano, *Andrômaca e Britânico* no segundo. Geografia física, geografia humana. Geometria plana e depois geometria do espaço. Os *Excertos*, dos oradores áticos, e, para terminar, o acesso, com o *Fédon*, à imortalidade da alma. Só as aulas de desenho que eram, nessa progressão racional das estações, como um inverno perpétuo: potes e lamparinas e depois lamparinas e jarros. Mas escapávamos delas sem dificuldade: matávamos as aulas de desenho com a mesma facilidade com que conseguíamos dispensa das aulas de educação física. Que necessidade tínhamos de nos balançar estupidamente entre barras paralelas quando conhecíamos o balanço bem mais delicado das ideias e das frases, e que futilidade reproduzir a carvão as formas mais prosaicas da existência doméstica quando tínhamos todos os dias acesso aos Grandes!

Que ninguém acredite que, aqui, estou cedendo a alguma nostalgia. Existem porções inteiras da infância que não suscitam em mim nem lamento nem emoção. Ou, se nostalgia há, é de uma natureza bem particular: é, em se tratando do liceu, a de um mundo fechado, ao mesmo tempo minuciosamente ordenado e, no interior desse claustro, dessa ordem, dessa economia regrada, percorrido por uma vida extraordinariamente aberta, móvel e múltipla. Lema por lema, eu diria: meu liceu era Versalhes.

---

\* Atual oitavo ano.

A diversidade, eu a encontrava entre nossos professores e também entre meus colegas. Quanto à unidade, ela não demandava a presença de um monarca para ser garantida. Através da dedicação dos nossos professores, muito atentos aos nossos progressos, celebrávamos a excelência da língua, dos seus recursos infinitos para quem tentava dominá-los, mesmo ciente da impossibilidade da tarefa. Que o ensino principal fosse o do francês, que precisássemos todos os dias aprender uma língua que já sabíamos, fazia de nós, em um mesmo veredicto, indignos e merecedores. Sim, é aí, suponho, que está depositado em mim o modelo de uma estrita equivalência de direito entre o pensamento e a linguagem, entre a linguagem e a língua, e o ideal de uma realização desta última na língua escrita: realização certamente mortal, equivalência insustentável, ao que parece, escandalosa, mas da qual jamais cheguei a me livrar. Nem do culto à palavra exata, que já me fez voltar a diversas linhas desta narrativa, deste ensaio que mal comecei (apesar de tudo, a distinção canônica dos “gêneros” é menos estrita que antes). Comediantes, sedutores – encaravam a classe como se fôssemos uma plateia –, nossos professores nos ensinavam a histeria. Mas, obsessivos por vocação, só se satisfaziam com a exatidão. Acontece que essa exatidão – eram assim, as “humanidades” – precisava ser inventada a cada vez para ser obtida.

O aprendizado, rápido, do “francês antigo”, seguido pelo do latim e depois do grego, e até o do inglês, não tinha a função de abalar nossas referências ao transformar, mesmo que por algumas horas, nossa própria língua em uma língua estrangeira. Pelo contrário. É verdade que elas resistiam a nós, essas línguas, como os países resistem aos conquistadores, não eram feitas como a nossa, diante delas podíamos ficar totalmente desamparados, brotavam lágrimas, ou alguma excitação estranha que mais tarde qualificariamos

de sexual, mas, por fim, nada que, com a ajuda de Gaffiot, de Bailly,<sup>3</sup> não fosse por princípio traduzível. As siglas em vermelho na margem – cs., fs., md.\* – nos davam prova disso semana após semana quando recebíamos nossas cópias corrigidas. Só o sem sentido era vergonhoso; a interpretação invertida, o sentido errado eram apenas um elogio indireto da virtude; o “dito incorretamente” confirmava a excelência do dizer correto. Víamos a eminência de nossa língua comprovada pela supremacia consagrada da tradução de textos em outras línguas para o francês sobre a versão de textos em francês para outras línguas: o domínio da tradução deveria aliar a arte à compreensão do texto; a versão para outras línguas não passava de um exercício de gramática aplicada. Berfougnat era o melhor entre nós na versão para outras línguas: o considerávamos um coitado.

Como resultado, as ciências naturais e a química me pareciam imprecisas. Usar o papel de tornassol, grande coisa! Juntar flores do campo em um herbário, que inocência! Eu não tinha nada contra as flores, mas descrevê-las secamente, a elas que já estavam secas, designá-las por um nome erudito que não lhes dava vida, não lhes trazia nada, nada daquilo me interessava. Mesmo nosso professor de matemática logo nos deu a entender que a elegância de uma demonstração era bem diferente que a prova dos nove. Daí pude concluir que a única ciência exata era a Literatura – na qual eu incluía tudo aquilo que precisava ser escrito para existir – e que a Literatura eram os autores do programa, e História, o Malet e Isaac.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Respectivamente, dicionários de latim-francês e de grego-francês. (N.T.)

\* Respectivamente: cs. (*contre-sens*), erro grave de interpretação; fs. (*faux sens*), sentido equivocado; md. (*mal dit*), formulação inadequada ou mal expressa.

<sup>4</sup> Coleção de livros sobre a história da Europa. (N.T.)

Entretanto, que não nos enganemos. Durante meus primeiros anos no liceu, minha leitura assídua foi a de *Les Pieds Nickelés*:<sup>5</sup> sua insolência e vulgaridade, seu bom humor constante me encantavam. Bem, é claro, eram mais engraçados que *Polyeucte*<sup>6</sup> ou Cícero, então eu não estava totalmente corrompido. Mas creio que teria ficado ainda mais encantado se tivessem desfiado seus ardis em alexandrinos e aplicado suas gírias em “orações”. Eu teria tido, assim, ao mesmo tempo a nobreza da língua e sua trivialidade, a glória e a derrisão de seus servidores. Eu estava maduro para passar sem intervalo de Ribouldingue e Filochard<sup>7</sup> a Henriqueta da Inglaterra e ao príncipe de Condé. À noite, em minha cama, em voz alta e só para mim, depois que meu irmão adormecia e minha mãe saía, eu lia Bossuet, levando ao ápice, sem saber, a finalidade daquele ensino que eu amava.

Se entre língua morta e língua viva não havia diferença, ou se a diferença estava apenas nos acasos da história, eu precisava descobrir a potência soberana e vã da língua naquela prosa fúnebre. E, uma vez que a lacuna entre o escrito e o falado não passava de uma comodidade, efeito de nossa preguiça, o que de melhor poderia haver que um puro vazio, aquele estilo de oratória que nada significava além de si mesmo, para me preencher naqueles momentos de solidão noturna? Desde então, nunca mais reli Bossuet – mas adorei Breton –, como se aquele encontro, ocorrido quando eu tinha doze ou treze anos, tivesse bastado para descortinar para mim as núpcias soberbas e sinistras da língua com a morte.

---

<sup>5</sup> Série de histórias em quadrinhos. (N.T.)

<sup>6</sup> Drama em cinco atos do escritor francês Pierre Corneille. (N.T.)

<sup>7</sup> Personagens dos quadrinhos *Les Pieds Nickelés*. (N.T.)

Entre a criança tardiamente muda e o rapaz enamorado por orações fúnebres, não acredito que tenha havido contradição.

Nossos professores eram muitos. Guardei na memória todos os seus nomes e não precisaria de muito esforço para registrá-los aqui. O prestígio deles aos meus olhos foi desigual e nem todos foram objeto de amor, mas não importa! O que eu precisava é que eles fossem mais de um. A cada ano, seis ou sete, e a cada ano (às vezes exceto por um, aquele de quem não gostávamos) se renovando. De modo que, em sete anos de liceu, cerca de quarenta cabeças, vozes, centenas de tiques verbais e gestuais, uma gama infinita de entonações, um leque de sotaques segundo a província natal. Assim, não estávamos entregues à fala de apenas um professor e não corríamos o risco de sermos modelados, inteiramente fabricados, por ela. É impossível exagerar o feliz efeito das identificações múltiplas.

Vem daí, sem dúvida, minha desconfiança em relação ao Mestre que prescreve ao pensamento os caminhos que ele deve tomar, que lhe dita suas categorias e suas senhas. Daí também minha repugnância por toda linguagem oficial, isto é, toda linguagem que se esquece de suas fontes e que, por isso mesmo, se torna imperiosa. Não, o que eu adorava, o que ainda adoro, é uma língua maleável o bastante para se deixar renovar indefinidamente, seduzir imperceptivelmente, desviar do caminho certo, dócil o bastante para que não haja nenhuma necessidade enraivecida de rompê-la, restritiva o bastante para que jamais esqueçamos sua alteridade, para que nela, nos momentos de graça, eu possa me fundir, e depois, como que preenchido pelo vazio das palavras, me recompor. Se a língua fosse meu ideal de mulher!

Na linhagem paterna, havia homens de livros. Como decidir o que lhes era mais caro: seus bens, suas bibliotecas

(*Revue des Deux Mondes* [Revista dos Dois Mundos], obras de direito, de história...), sua responsabilidade política local? Imagino que isso tudo formava um mesmo conjunto e que eles passavam sem problemas, esses doces notáveis, esses prêmios de excelência vitalícia, de uma sessão do Conselho Municipal à checagem do seu livro de contabilidade, da monografia histórica dedicada a uma igreja da região aos sonetos que compunham em segredo. Mas esses ancestrais, só os ressuscitei tardiamente. O grande homem da família, que tinha a vantagem de estar vivo e ser muito rico, estava do meu lado materno; nos garantiam que ele devia seu êxito, sua imensa fortuna, apenas ao seu gênio de inventor: nada de diploma, nada nem mesmo de ensino médio, e não havia quem não tremesse diante dele. Mas isso não era o mais estranho na minha experiência de criança. Esse homem, que sempre me diziam ser taciturno, fugindo das “mundanidades”, exprimindo-se por ordens curtas ou côleras repentinas, foi tomado por uma paixão pela fala quando a linguagem, por vingança, se recusou a ele. Tendo se tornado afásico ou quase, queria falar, queria dizer, e, na falta das palavras que não vinham, não encontravam seu lugar, agarrava seu interlocutor e não o soltava mais. Em algumas ocasiões inesquecíveis, testemunhei essa tortura. Verei para sempre o território estreito da fala limitado nas duas extremidades pelo estado do *infans* e aquele do afásico: Paraíso e Inferno, delícias e suplícios, doce sono e pesadelo. Entre as duas, as imagens já prontas para formar uma narrativa.

Será que consegui mostrar a diferença entre o curso H e o Liceu Pasteur, que marcou na minha vida uma oposição radical? Mais um pouco e eu veria o absurdo e cruel curso como um modelo reduzido de um sistema totalitário, e o liceu como o advento da democracia. Mas pode ser que, para o leitor estranho a ambos, tudo isso pareça a mesma coisa.

Não negligencio o que eles tinham em comum: o elitismo, o espírito de competição, o respeito pelos rituais, em suma, tudo aquilo que hoje fingimos denunciar para logo retomar. Sim, mas no liceu, em vez de me submeter à arbitrariedade da regra do jogo, eu via nessas regras um jogo. Nós as respeitávamos para que a partida, no seu desenrolar, pudesse garantir nosso prazer. No fundo, os maus alunos não passavam de maus jogadores. E, depois, nós sabíamos que aquele jogo um dia terminaria (de onde vem a sua graça): bastava ver a cara dos nossos pais. Também podíamos fazê-lo terminar instantaneamente, para que desse lugar a outros jogos. Na rua, por exemplo, havia brigas e armas de mola, futebol no fundo da praça, bilhetes de amor depositados na caixa de correio de alguma estrela de cinema cujo endereço havíamos descoberto, e mais tarde os três filmes na sequência, às quintas-feiras, correndo de uma sala de cinema a outra. Foi, o tempo todo, um jogo de vaivém: “Eu acompanho você até a sua casa. Você me acompanha até a minha”. Com o passar dos anos, o escolhido podia mudar: preguiçoso ou melhor da classe, especialista em histórias picantes, em Tour de France, em jazz, em teatro lírico (a tia de Milaurie trabalhava na Ópera Cômica), em *Paris Sport* (Legoul era um pouco patife, mas sua mãe era poetisa), em moças (Lechassé tinha uma irmã que dava festas), em corridas. O liceu era um mundo em movimento, correndo mundo afora. Compreendo agora que a ascendência que ele guardou sobre minha memória vem também do fato de que, fora de suas grades, nos divertíamos muito, como, suponho eu, tendo saído de Versalhes, nos divertiríamos nos campos? Para viver e nos sentirmos livres, precisamos de diversos espaços. Portanto, que servi-dão é essa que temo e da qual fujo?

Fobia da prisão de uma só linguagem. Falar com um jargão, eu entendo. Mas a psicanálise me atordoa quando

entra, sem ser convidada, em todos os lugares, se afirmando como interpretação de todas as interpretações possíveis. Reivindico para cada um não o refúgio no ininterpretável, mas um território, de fronteiras móveis, do não interpretado. De que serviu ter nos convidado a soltar a língua se é para atá-la a uma outra que só é animada pelo desejo, muito forte, de impor o que fala: você não diz o que acha que diz, você é o que eu digo que você é.

Esse território, onde habita – mas como nômade, como desertor – o desconhecido, e que acredito ser a origem de nossa vida, eu o vi ser respeitado, no fim da vida, por psicanalistas que não eram da minha vizinhança, como Winnicott, louco pela criança mais do que pela mãe, Harold Searles, louco pela loucura, sem se perder nela nem a glorificar. Foi necessário que esses colegas, esses mais velhos, estivessem afastados para que o encontro pudesse operar, transformando-os em estranhos próximos, nesse movimento de feliz surpresa que vem contrabalançar aquele, bastante deprimente, que faz dos nossos próximos estranhos. Uma língua só fala, só diz outra coisa além de si mesma, se não estivermos confortáveis demais com ela por tê-la durante muito tempo ouvido e praticado, se nos sentirmos incapazes de manejá-la como uma ferramenta. Outra e nossa, para que ela seja para sempre nossa bela estrangeira, a grande ausente! Em breves apreensões, sem que possamos decidir quem apreende quem, temos a ilusão de segurá-la, mas eis que ela foge de novo e recupera subitamente todos os seus poderes – de voo, de dispersão, de ubiquidade, de enraizamento. Ar, água, fogo, terra: nela se conjugam todos os elementos.

A filosofia, por um tempo, a poesia, mas sobretudo quando surge na prosa aos sobressaltos, sem marcar de antemão o encontro, sem nos prevenir de que é poesia e exigir de

nós respeito, a psicanálise, mas só quando não é discurso, tiveram sobre mim esse efeito de tornar estranho o familiar. Nossa primeira e definitiva transferência, nós a operamos sobre uma linguagem sempre vinda de alhures.

Seria preciso encontrar – não, não encontrar, isso está fora de questão, mas não esquecer – esse momento em que os homens começaram a falar. Pois isso *aconteceu*, tenha sido no tempo de um raio ou em um milênio. Aqui a experiência percorrida pela criança não nos ensina nada; ao contrário, ela oculta de nós esse momento, já que a criança tem a linguagem, ao mesmo tempo, atrás de si, à sua frente e ao seu redor.

Durante minha juventude, experimentei por algumas semanas a pré-história. Silex e bronze me aborreciam tanto quanto, mais tarde, os merovíngios e os carolíngios, que eu nunca fui capaz de distinguir. O que me atraía nos homens longínquos, meus irmãos, com suas peles de animais, era aquilo que eu imaginava de sua linguagem: o que pode tê-los levado a falar? Não é possível que tenha sido uma necessidade, como a de comer ou de se aquecer. Então o quê? Nisso, eu não fui criativo. Disse a mim mesmo que eles inventaram para nada, para nada que lhes pudesse ser útil, uma língua (simultaneamente: língua-linguagem-fala), e que essa língua, necessariamente, lhes era estrangeira. Não tinha relação com seus gestos ou gritos, com seus sinais, com tudo aquilo que já os fazia se exprimir e se comunicar. Ela rompeu com seus corpos. Eu juraria que eles não inventaram a linguagem para falar uns com os outros, mas para falar com o desconhecido: seria esse desconhecido a morte? Seriam nossos deuses? Eles desenharam nas pedras, nas paredes das grutas, com traços que não chegavam a ser imagens e não chegavam a ser signos, certamente não símbolos, aquilo a que eles acreditavam estar submetidos sem

poder pensar a respeito. As palavras viriam mais tarde, quando o mais difícil estivesse feito. Antes de mais nada, foi necessário que tivessem a linguagem no mundo, que nele se imprimissem a ordem e as leis em vez do insensato. Nessas figuras, pensamos reconhecer animais, objetos sagrados, o falo.... Mas não sabemos ao certo. Sabemos que não podemos conhecer o advento da linguagem: a pergunta não precisa ser feita. Apenas estamos equipados – e nisso somos fortes – para descrever, analisar, classificar os processos de aquisição daquilo que já foi adquirido, balizar o caminho percorrido. E, agora que a pré-história se torna uma ciência positiva, estamos perdidos! Não poderemos mais sonhar com as nossas origens. Vamos ignorar que a linguagem só é verdadeiramente linguagem, uma operação ativa, quando carrega em si aquilo que não é ela mesma. Eu a defini como memória da não linguagem e agora a imagino como um dos grandes rios laboriosos da América, carregando árvores e lama, misturando o deserto e o mar, como o que vemos atravessar as mil páginas impressas de um romance de Júlio Verne, naqueles livros vermelhos e dourados.

Propositadamente, raivosamente, ignoro tudo sobre informática. Onde nos anunciam o triunfo de um código universal, sem falhas, enfim adulto, que exclui todos os mal-entendidos e responde por nós a toda velocidade, vejo apenas o ódio gélido da linguagem. No computador, o que se projeta, não tenho dúvida, é a sombra do curso H. Como ele, ela quer, para nosso próprio bem, nos deixar à sua mercê. Ela vai matar o *infans*!

O sistema H foi capaz de justificar minha desconfiança natural da linguagem, mas as brincadeiras do liceu talvez tenham tornado a linguagem agradável demais para mim. Eu precisei de tempo para desaprender o agradável e também o odioso. Aprender, para mim, foi, a cada etapa,

aprender e depois desaprender uma língua a fim de reencontrar a confiança na linguagem.

Quando comecei a me interessar pela psicanálise, logo me pus a pesquisar os termos-chave. Foi uma homenagem ao liceu e minha maneira de adentrar uma língua que eu ouvia falar ao meu redor como se fosse real, uma língua que possuía seus usuários, mas que havia perdido seu autor e, com ele, todo o poder de ser autora ela mesma: de engendrar pensamentos. Eu me recusava a ser um usuário daquela língua. Eu precisava, num primeiro momento, habitá-la como a uma casa da qual nos apossamos cômodo por cômodo, objeto por objeto, até não sabermos mais se fomos nós que aprendemos a nos mover nela ou se é ela que se move em nós. E então virá o segundo tempo, o da expropriação. Foi preciso que o trabalho do *Vocabulário* estivesse concluído para que eu me autorizasse que aquilo, admito, é uma ilusão: o poder de pensar sem palavras. Mas essa ilusão eu creio ser necessária: sem ela, eu não poderia amar a linguagem.

Na saída do liceu, a rua, onde olho, onde caminho, onde estão as coisas e as pessoas.

Uma vez conhecida a anatomia de uma língua, desfeitas as suas articulações, percorridas em todos os sentidos suas vias nervosas, tenho apenas um desejo: esquecê-la. Na falta do impossível – falar uma língua que fosse só minha e que, no entanto, todos pudessem compreender –, eu me abandono na língua comum e quero-a violenta e límpida como o mar onde me banho no verão. Só me tocam as palavras simples e vejo uma única arte: transformar os nomes comuns em nomes próprios. Maravilha pura essa metamorfose invisível! Leitor, fulmino os termos eruditos, persigo os neologismos, as palavras pesadas me esgotam.

Lembro-me de que, depois dos exames, como que para me livrar daquilo que havia conseguido adquirir ao longo do ano em saber e sobretudo em retórica, eu ia sozinho até a cidade e, lá, ficava paralisado diante das coisas, das coisas sem nome: o que talvez tenha sido um pedaço de cano e poderia ser um peixe das profundezas, uma árvore das profundezas do tempo, um homem esquecido por todos, um menino dormindo... No final, a partir desses vestígios do útil, desses fragmentos de pré-história, fazia nascer, por metamorfose, a mulher que estava por vir. Esses foram os tempos de minha juventude.

Foi voltando de uma dessas caminhadas sem rumo, plenas de silêncio, que vi, na vitrine de um sebo, o título de uma coletânea de Apollinaire: *Il y a* [Existe]. Desse título fiz minha estética. Poder dizer essa palavra, “existe”, antes das palavras, e então todas as coisas, de onde quer que tenham vindo, surgirem, e então se precipitarem de todos os lados umas em direção às outras, unirem-se entre si, engendrarem o mundo. Elas falam de si por si sós, sem que precisemos falar. Sim, aquele que sabe dizer “existe” num único fôlego venceu a morte e conquistou para sua causa a linguagem.